

Atividades circenses na Educação Física escolar: a multidimensionalidade da ação pedagógica em efervescência

Circus activities in school physical education: the multidimensionality of pedagogical action in effervescence

Antonio Igor da Silva Teodizio *

Raquel Felipe de Vasconcelos **

Nilson Vieira Pinto ***

RESUMO: Neste ensaio teórico, explora-se o discurso vigente em torno da multidimensionalidade educacional imbricada à pedagogia das atividades circenses no contexto da Educação Física. Para tanto, o percurso textual-discursivo foi construído por meio dos entrelaçamentos históricos do circo que se cruzam com os valores educacionais desenvolvidos a partir de uma prática pedagógica interdependente na escola, em que se destaca a pedagogia circense como inovação educacional. Ressalta-se a integração dinâmica das atividades circenses nas aulas de Educação Física escolar, quando a expressão corporal espontânea se alinha à experiência afetiva (individual e coletiva) em efervescente ato educativo. Espera-se que esta produção textual estimule novas reflexões sobre as perspectivas educacionais da pedagogia circense nas aulas de Educação Física, facilitando, assim, a adoção de novos paradigmas no processo de desenvolvimento humano no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Circo. Escola. Educação básica. Educação física. Pedagogia inovadora.

ABSTRACT: This theoretical essay explores the current discourse on educational multidimensionality intertwined with the pedagogy of circus activities in the context of physical education. To this end, it constructs its textual-discursive path through the historical entanglements of the circus that intersect with the educational values developed from an interdependent pedagogical practice in schools, highlighting circus pedagogy as an educational innovation. It emphasizes the dynamic integration of circus activities in school physical education classes, when spontaneous physical expression aligns with affective experience (individual and collective) in an effervescent educational act. It is expected that this text production will stimulate new reflections on the pedagogical perspectives of circus pedagogy in physical education classes, thus facilitating new paradigms in the process of human development in the school environment.

KEYWORDS: Circus. School. Basic education. Physical education. Innovative pedagogy.

1 Introdução

* Mestre em Educação Física pelo Programa de pós-graduação em Educação Física (ProEF) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME/FOR). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0502-0096>. E-mail: antonioigor.silva@educacao.fortaleza.ce.gov.br.

** Pós-doutora em Educação Física. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4199-430X>. E-mail: raquelfelipe@ifce.edu.br

*** Pós-doutor em Saúde Coletiva. Docente permanente do Programa de pós-graduação em Educação Física (ProEF) e do Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6548-8586>. E-mail: nilsonvieira@ifce.edu.br.

O ensino das atividades circenses, nas aulas de Educação Física escolar, tem sido considerado a principal porta de entrada dessa modalidade na Educação Básica e evidenciado emergente produção científico-pedagógica - embora ainda se identifique uma ação pedagógica inconsistente-, como práticas transitórias, extracurriculares e dependentes da apropriação docente, provavelmente devido a uma defasagem na formação profissional inicial e na continuada (Miranda; Bortoleto, 2018; Santos-Rodrigues *et al.*, 2021).

Entre os componentes da comunidade científica, tem sido unânime o reconhecimento do enorme potencial lúdico-pedagógico das atividades circenses, efetivado por sua relação democrática e suas repercussões transdisciplinares. Essa constatação caracteriza tais atividades como tecnologia educacional inovadora e multidimensional, uma vez que vai além da ampliação dos repertórios motor e cultural, promovendo uma pedagogia lógico-criativa impregnada de assunções físicas, estéticas, filosóficas, políticas e socioemocionais (Santos-Rodrigues; Bortoleto; Lopes, 2023; Zaim-de-Melo, 2023; Tucunduva; Bortoleto, 2019).

Entretanto, os atuais debates têm se constituído predominantemente por relatos de experiência localizada, abordagens assistemáticas e com fragilidade teórico-procedimental, evidenciando a necessidade de estudos que ampliem o acervo teórico sobre o tema, e permitam conceber conhecimentos científico-pedagógicos sólidos para fundamentar e legitimar a prática pedagógica docente sobre as atividades circenses na escola (Santos-Rodrigues *et al.*, 2021; Barragán; Fernandes; Gomes, 2024).

Nessa esteira, para a proposta aqui apresentada, a poética evidenciada na canção “Piruetas”, de Chico Buarque (1981), com a participação do grupo Os Trapalhões, conhecida nacionalmente pelo filme “Os Saltimbancos Trapalhões”, constituiu-se uma produção textual germinada em breves abordagens histórica e sociocultural do circo, seguida de uma trilha analítica sobre as atividades circenses na escola, enquanto conteúdo temático, e o ensino das atividades circenses na Educação Física escolar, uma inovação educativa multidimensional.

Acredita-se, então, que este ensaio teórico poderá contribuir na ascendência de outros/novos olhares e trilhas pedagógicas que permitam explorar a multidimensionalidade educativa que a prática corporal circense oportuniza, fortalecendo a sistematização das aulas e consolidando a sua existência enquanto conteúdo curricular na/da escola.

2 Uma pируeta, duas piruetas: breve histórico do circo na sociedade

O circo, como expressão cultural, atravessa séculos de história, ajustando-se às mudanças sociais, políticas e artísticas. Sua trajetória não apenas demonstra o avanço das

técnicas circenses, mas também evidencia seu papel como espelho das dinâmicas humanas, expressando valores, tensões e aspirações coletivas. No presente tópico, a proposta é examinar a origem e o desenvolvimento do circo, ressaltando suas raízes na Antiguidade, sua consolidação na era moderna, sua influência em movimentos revolucionários, e recente transformação em meio educativo e inclusivo.

Por sua vez, as origens do circo encontram-se vinculadas a manifestações culturais associadas à exibição de habilidades corporais e domínio de animais, documentadas em civilizações antigas como China, Egito e Grécia. Evidências arqueológicas na China, por exemplo, apontam para a realização de exercícios acrobáticos e práticas de malabarismo em contextos ritualísticos e eventos festivos, possivelmente vinculados a simbolismos cosmológicos. Paralelamente, no Egito Antigo e na Grécia Clássica, registros iconográficos e textuais destacam a domesticação de animais exóticos e demonstrações públicas de força física, equilíbrio e destreza, integradas a cerimônias religiosas e competições atléticas.

Tais práticas, embora distintas em finalidades socioculturais, constituíram protoformas de espetáculo que posteriormente convergiram para a estruturação do circo como instituição artística no período moderno. Isso porque a análise desses elementos sugere a continuidade histórica na valorização de habilidades performáticas, associando-as tanto a rituais coletivos quanto a expressões de virtuosismo individual (Duprat; Bortoleto, 2007; Bolognesi, 2010; Bortoleto; Silva, 2017).

A consolidação do circo como espetáculo organizado, contudo, ocorreu no contexto da Roma Antiga, onde adquiriu um caráter institucionalizado e monumental. O *Circus Maximus*, estrutura arquitetônica emblemática em Roma, operava como um complexo multifuncional destinado a espetáculos de corridas de bigas, combates gladiatoriais e exibições que sintetizavam sincretismo entre entretenimento lúdico e ritualismo sagrado. Tais eventos, inseridos em calendários festivos vinculados a celebrações políticas e cultos religiosos, operavam como mecanismos de coesão social e instrumentos sociopolíticos, reforçando a hegemonia ideológica do poder imperial por meio do espetacularismo coletivo (Duprat; Bortoleto, 2007; Bolognesi, 2010; Bortoleto; Silva, 2017).

Embora distinto das tipologias circenses contemporâneas, esse modelo romano estabeleceu paradigmas estruturantes, como a profissionalização de *performances*; a arquitetura dedicada ao espetáculo; e a relação entre esfera pública e entretenimento que serviram como substrato histórico para a posterior sistematização do circo moderno. A análise desses elementos evidencia, assim, a continuidade na transposição de práticas espetaculares antigas

para formas cênicas renovadas, mediadas por transformações culturais e técnicas, ao longo dos séculos (Bolognesi, 2010; Bortoleto; Silva, 2017).

Já a gênese do circo moderno está associada ao século XVIII, com o britânico Philip Astley, reconhecido como pioneiro na codificação desse formato espetacular. Em 1768, Astley instituiu o “Anfiteatro Astley”, em Londres/Inglaterra, local onde desenvolveu *performances* híbridas, integrando destreza equestre, exercícios acrobáticos, técnicas de malabarismo e elementos de humor. Sua contribuição seminal incluiu a introdução de uma configuração arquitetônica específica, o picadeiro circular, cujo desenho favorecia a estabilidade durante manobras, além de ampliar a visibilidade para a plateia, estabelecendo um padrão técnico-espacial replicado globalmente (Bolognesi, 2003; Duprat; Bortoleto, 2007).

Esse sistema de entretenimento, concebido por Astley, expandiu-se de forma acelerada pela Europa e, em seguida, pelo território estadunidense, catalisando a formação de uma identidade circense moderna. Tal modelo incorporava os valores ideológicos vigentes no contexto da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, os quais exaltavam o domínio humano sobre a natureza e a superação de barreiras físicas e estruturas sociais hierárquicas.

As *performances* circenses, incluindo acrobacias, equilíbrios em condições extremas e técnicas de subjugação animal, eram encenadas como metáforas do controle racional sobre o ambiente natural e da transcendência das restrições corpóreas, simbolizando o projeto iluminista de progresso e autonomia humana (Bolognesi, 2003; Duprat, 2007).

Nesse sentido, o circo emergiu não apenas como entretenimento, mas como um microcosmo das transformações socioculturais do período, em que a exibição pública de corpos treinados e disciplinados refletia a crença na perfectibilidade humana e na capacidade de remodelar tanto o espaço físico quanto as convenções sociais. A padronização de técnicas, a organização itinerante das trupes e a fusão de linguagens artísticas consolidaram o circo como um fenômeno cultural complexo, por articular inovação técnica, estética espetacular e narrativas de poder, além de caracterizar um legado que perpetua sua relevância como objeto de estudo em diferentes óticas (Bolognesi, 2003; Duprat, 2007).

O século XIX marcou a consolidação do circo como fenômeno espetacular de massa, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA), em um contexto de urbanização acelerada e expansão das indústrias culturais. Na França, observou-se a incorporação de elementos dramáticos ao repertório circense, como os hipodramas - espetáculos equestres que encenavam narrativas épicas e batalhas históricas-, frequentemente inspiradas nas campanhas napoleônicas. Essas *performances*, além de entretenimento, operavam como dispositivos de

propaganda ideológica, exaltando a supremacia humana e os valores da burguesia industrial, como disciplina, progresso técnico e domínio sobre a natureza (Bolognesi, 2003; Duprat, 2007).

Na Rússia, pós-Revolução de 1917, o circo foi ressignificado pelo Estado soviético como expressão artística popular, alinhada aos princípios do realismo socialista. Intelectuais e artistas, como Vsevolod Meyerhold e Sergei Eisenstein, reconheceram seu potencial político-pedagógico, integrando técnicas circenses ao teatro para criar espetáculos que celebravam o coletivismo e a utopia revolucionária. Meyerhold, em particular, advogou pela institucionalização de escolas de circo estatais, visando formar artistas-políticos cujas práticas corporais, acrobacias, equilíbrios e manipulação de objetos simbolizassem a construção de um "novo homem" soviético, capaz de transcender limites físicos e simbólicos em prol do projeto comunista (Bolognesi, 2010).

Essas apropriações evidenciam o caráter dialético do circo: enquanto na França burguesa, ele serviu à glorificação de ideais individualistas e expansionistas, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), foi instrumentalizado como ferramenta de educação coletiva e afirmação de identidade proletária. Em ambos os casos, o circo serviu como espelho das estruturas de poder vigentes, revelando sua capacidade de adaptar-se a distintos contextos ideológicos, seja como arena de exaltação hegemônica seja como laboratório de experimentação revolucionária. Tal plasticidade reforça sua relevância como objeto de análise para estudos de cultura performativa, política e pedagogia corporal (Bolognesi, 2010).

No Brasil, a introdução das atividades circenses ocorreu no século XIX, inicialmente por meio de companhias itinerantes europeias e, posteriormente, mediante a fixação de famílias circenses de origem europeia no território nacional. Nesse contexto, destacou-se a modalidade do circo-teatro, formato que articulava *performances* acrobáticas, apresentações de palhaços e dramaturgia popular, ganhando notoriedade em regiões interioranas, onde se constituía como um dos principais vetores de entretenimento e difusão cultural. Essa expressão artística assumiu função sociocultural dupla: além de entretenimento, serviu como plataforma para a construção de uma identidade circense nacional, marcada pelo sincretismo entre tradições europeias, como a pantomima e a *commedia "dell'arte"* e elementos autóctones, incluindo temáticas regionais e manifestações folclóricas (Silva; Abreu, 2009).

Figuras como Benjamin de Oliveira, pioneiro palhaço negro no cenário circense brasileiro, personificaram essa síntese cultural. Sua atuação transcendeu a esfera performativa, incorporando críticas sociais implícitas e ressignificando estereótipos raciais em um contexto pós-abolicionista, contribuindo para a consolidação de uma estética circense distintamente brasileira. Tal processo evidenciou a capacidade do circo de funcionar como espaço de

negociação identitária, no qual as hierarquias sociais eram simultaneamente reproduzidas e contestadas (Duprat, 2007; Silva; Abreu, 2009).

Ao longo do século XX, o circo brasileiro passou por um processo de institucionalização, com a criação de estruturas formativas especializadas, como a Academia Piolin das Artes Circenses (1978) e a Escola Nacional de Circo (1982). Essas instituições representaram uma ruptura com o modelo tradicional de transmissão de saberes circenses, até então restrito à esfera familiar e com característica empírica. Ao sistematizar técnicas corporais e teóricas, as escolas promoveram a profissionalização da categoria, alinhando-se a paradigmas pedagógicos contemporâneos. Paralelamente, ao democratizar o acesso à formação, antes limitada a grupos hereditários, permitiram a incorporação de artistas de origens socioeconômicas diversas, ampliando os repertórios temático e estilístico do circo nacional (Bortoleto; Barragán; Silva, 2016).

Essa transformação não apenas modernizou a linguagem circense, mas também repositionou o circo no cenário das artes cênicas brasileiras, convertendo-o em campo de experimentação interdisciplinar. A pedagogia institucionalizada, ao integrar conhecimentos da Educação Física, do teatro e da dança, reforçou o caráter político do circo como instrumento de inclusão social e expressão de pluralidade cultural. Assim, o legado das escolas circenses reflete a tensão entre preservação da tradição e inovação técnica, constituindo um eixo analítico fundamental para se compreender a dinâmica histórica das artes performáticas no Brasil.

O circo contemporâneo tem se reconfigurado, ao longo das últimas décadas, ao incorporar novas abordagens e ampliar seu alcance para além do entretenimento. Entre as transformações mais significativas, destaca-se a emergência do circo social, uma prática que associa a arte circense a metodologias pedagógicas voltadas à inclusão e ao desenvolvimento social. Ancorado em referenciais como a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, e o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, o circo social estabeleceu-se como espaço de educação emancipatória, promovendo cidadania e transformação social, especialmente em comunidades vulneráveis (Dal Gallo, 2010).

No Brasil, a Rede Circo do Mundo Brasil consolidou-se como uma das principais iniciativas nesse contexto, estruturando-se a partir do uso das artes circenses como ferramenta de empoderamento e inclusão social. Nos programas desenvolvidos pela rede, o ensino de técnicas como acrobacia, malabarismo e equilíbrio, extrapola a dimensão artística e se torna um meio para o fortalecimento de competências socioemocionais. Os participantes aprimoram habilidades, como cooperação, disciplina e resiliência, ao mesmo tempo em que constroem mais autonomia e autoestima (Dal Gallo, 2010).

Além do impacto social, o circo tem desempenhado papel fundamental na renovação da cena circense contemporânea, um lídimo “salto sobre a arquibancada”. Ao dialogar com novas linguagens e práticas pedagógicas, essa abordagem não apenas amplia as possibilidades expressivas da arte circense, mas também contribui para preservar e ressignificar suas tradições. A fusão entre inovação e herança cultural reafirma a potência do circo como espaço de resistência e transformação. Assim, ao articular práticas artísticas e educativas, o circo ultrapassa suas funções lúdica e performática, consolidando-se como ferramenta essencial para a formação cidadã e a construção de sociedades mais justas e inclusivas (Dal Gallo, 2010).

A trajetória histórica do circo é marcada por constante processo de resistência e reinvenção. Desde sua origem nas arenas romanas até sua configuração contemporânea, essa manifestação artística transcendeu a função exclusiva de entretenimento, tornando-se um espaço de crítica social, educação e emancipação. No contexto brasileiro, a evolução do circo evidencia a tensão entre tradição e modernidade, expressa na dualidade entre a lona itinerante e a institucionalização por meio das escolas circenses urbanas. Atualmente, como forma de arte plural e dinâmica, o circo continua a desafiar fronteiras estéticas e sociais, reafirmando sua vocação para a liberdade e transformação (Bolognesi, 2010; Dal Gallo, 2010; Bortoleto; Barragán; Silva, 2016).

3 Super piruetas, ultra piruetas: a multidimensionalidade das atividades circenses na escola

A elaboração de um currículo escolar envolve uma pluralidade de elementos interdependentes, entre os quais se destacam as dimensões geográficas, sociais, culturais, políticas, filosóficas, éticas e estéticas, essenciais para a contextualização pedagógica. Contudo, mesmo diante dessa complexidade estrutural, persistem lacunas críticas que demandam reflexão aprofundada, quando analisada a integração de temas específicos, evidenciando a necessidade de problematizar pressupostos e práticas à luz de marcos teórico-metodológicos robustos.

Nesse contexto, cabe ao docente analisar e interpretar criticamente o contexto sociopedagógico, o conteúdo curricular proposto e suas potencialidades educativas. Nessa direção, Gadotti (2007, p.13), alinhado ao referencial freireano, reforça tal premissa ao afirmar que:

[...] o professor é muito mais que um mediador do conhecimento, um problematizador. O aluno precisa construir e reconstruir o conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus

alunos. Ele deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem. Poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem.

A inserção das atividades circenses no âmbito educacional tem emergido como estratégia pedagógica multidimensional, articulando as dimensões artística, formativa e corporal. Essa abordagem não apenas preserva patrimônios culturais, mas também estimula a criatividade, a expressão corporal e a interdisciplinaridade. Contudo, sua efetivação enfrenta obstáculos estruturais, como lacunas na formação docente e na articulação curricular (Barragán; Fernandes; Gomes, 2024; Santos-Rodrigues; Bortoleto; Lopes, 2023).

Destaca-se que as primeiras evidências concretas da introdução das atividades circenses nas escolas datam da década de 1990. Desde então, essa manifestação cultural tem sido incorporada em diferentes etapas da educação formal, abrangendo desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Bortoleto, 2008).

De acordo com Santos-Rodrigues, Bortoleto e Lopes (2023), as práticas circenses no ambiente escolar podem ser categorizadas em duas vertentes: "Circo NA escola" e "Circo DA escola". A primeira engloba iniciativas pontuais, como espetáculos, oficinas temporárias e atividades extracurriculares, desvinculadas do Projeto Político-Pedagógico (PPP) institucional. Embora promovam o acesso à cultura circense e fruição estética, tais ações carecem de organicidade pedagógica, restringindo-se a intervenções episódicas.

Já a segunda refere-se à integração curricular, seja por meio de disciplinas dedicadas, projetos transversais ou utilização do circo como ferramenta didática em áreas como Educação Física, Artes, Literatura e Ciências. Essa modalidade demanda transposição didática, processo que transforma saberes circenses em objetos de ensino, alinhando-os a objetivos educacionais e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No que se diz respeito à BNCC, ela constitui o principal documento normativo destinado a orientar e embasar as ações em todas as áreas do ensino. Com estrutura que fornece as diretrizes essenciais para auxiliar os professores na elaboração e organização de seus planejamentos pedagógicos, garante coerência e alinhamento aos princípios educacionais estabelecidos (Brasil, 2018).

O termo “circo”, entretanto, aparece uma única vez, na BNCC. Nesse documento normativo, a citação é colocada na sessão que trata dos “objetivos de aprendizagens e desenvolvimento para a Educação Infantil” da seguinte forma: “[...] Apreciar e participar de

apresentações de teatro, música, dança, circo, recitação de poemas e outras manifestações artísticas" (Brasil, 2018, p. 44).

De maneira semelhante, a expressão “circense” aparece uma única vez dentro da área de conhecimento Artes.

[...] Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, além de possibilitar o contato e reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance* (Brasil, 2017, p.154).

Essa ausência discursiva nos documentos oficiais tem resultado na marginalização dessa temática nos projetos educativos e torna sua integração ao ambiente escolar um desafio, contribuindo para a insegurança pedagógica e desmotivação dos docentes em utilizar tais práticas em suas aulas. Essa lacuna normativa não apenas marginaliza a linguagem circense no planejamento didático, mas também reflete uma desconexão entre as potencialidades educativas do circo e as diretrizes institucionais, perpetuando sua dificuldade de inserção ampla nos contextos escolares (Santos-Rodrigues; Bortoleto; Lopes, 2023).

Importante destacar que a inserção do circo no ambiente escolar pode ocorrer por meio de diversas áreas do conhecimento, uma vez que a linguagem circense se manifesta de múltiplas formas, estabelecendo diálogos com a produção cultural de seu contexto e do período histórico. Professores de diferentes disciplinas podem identificar nas práticas circenses um potencial educativo, dada sua natureza multidisciplinar e as variadas possibilidades de abordagem que oferece (Lemke, 2022; Barragán; Fernandes; Gomes, 2024).

Ademais, o investimento em políticas educacionais que possam formalizar o ensino das atividades circenses nas escolas, ou mesmo o reconhecimento da formação técnica, ou superior, em circo, pode contribuir para a efetivação desse conteúdo no âmbito escolar.

[...] as centenas de escolas de circo existentes no Brasil ainda operam sem o reconhecimento da formação por elas oferecida, e, mesmo que isso não seja um impedimento para sua atividade, nem mesmo um problema para a maioria daqueles que desejam aprender circo, não deixa de ser uma barreira para a ocupação de espaços no âmbito formal da educação. Nos parece [sic] que o reconhecimento da formação técnica, assim como a superior, em circo, contribuiria para a consolidação das artes do circo no âmbito educativo (Bortoleto; Silva, 2017, p.110).

Entre as áreas do conhecimento predominantes na produção científica sobre as atividades circenses no contexto escolar estão, em especial, as relacionadas à linguagem, com destaque para Artes e Educação Física. Além disso, as Regiões Sul e Sudeste do país têm

concentrado a maior parte das pesquisas de pós-graduação a respeito dessa temática (Dianin, 2023).

Na próxima seção, constam os “saltos (científico-pedagógicos) além da estratosfera”, ao ser explorada a multidimensionalidade educativa no ensino das atividades circenses, configurando-a como um campo de estudo com amplo potencial para a educação escolar em todos os níveis de ensino da Educação Básica.

4 Arquicambalhotas, hipercambalhotas: a multidimensionalidade das atividades circenses na Educação Física escolar

Ao deixarem de constituir meramente uma alternativa ao modelo tecnicista, as atividades circenses passaram a ser integradas de forma constante e sistemática no planejamento e na execução das práticas pedagógicas da Educação Física escolar brasileira, especialmente nas últimas duas décadas (Duprat; Barragan; Bortoleto, 2017).

Há pouco mais de uma década, a partir de 2000, observamos aumento exponencial da inclusão dos saberes circenses nas aulas de Educação Física, bem como da produção acadêmica neste campo. Por ser um conhecimento incipiente, muitas dessas propostas e publicações estão respaldadas por reflexões pedagógicas iniciais com pouquíssimo conhecimento sobre a arte circense, quase sem cuidado com os aspectos estéticos, éticos, técnicos e de segurança. Por este motivo, entendemos que é preciso aprofundar nos estudos sobre as artes do circo e suas possíveis relações com a Educação e com a Educação Física, de um modo particular (Duprat; Barragan; Bortoleto, 2017, p. 168).

Em consonância com as evidências que apontam a crescente consolidação das práticas circenses no ambiente escolar, Santos-Rodrigues *et al.* (2021) realizaram levantamento da produção bibliográfica nacional sobre as atividades circenses de forma ampla, abrangendo o período de 2016 a 2020. Foram analisadas 74 produções brasileiras, incluindo artigos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses. Desse total, 32 publicações abordavam especificamente a aplicação de atividades circenses no âmbito da Educação Física escolar.

Diante do reconhecimento da Educação Física escolar como área estratégica para o ensino das atividades circenses, torna-se premente investigar as potencialidades pedagógicas desse conteúdo, bem como identificar quais abordagens teórico-metodológicas e procedimentos didáticos favorecem a otimização do processo de ensino e aprendizagem.

A relação histórica entre as práticas circenses e atividades da Educação Física brasileira remonta ao século XIX, estabelecendo-se por meio de intercâmbios de saberes e metodologias, com registros que evidenciam a atuação de artistas circenses como instrutores de ginástica em instituições educacionais, especialmente no Rio de Janeiro. Contudo, essa relação foi marcada

por tensões históricas, caracterizadas por disputas epistemológicas e preconceito institucional por parte de instrutores da Educação Física em relação às técnicas, aos valores culturais e agentes do circo.

Somente nas últimas décadas do século XX é que se consolidou uma aproximação mais dialógica entre esses campos, impulsionada pela produção acadêmica sobre pedagogias circenses aplicadas à Educação Física e pela incorporação de modalidades circenses como práticas educativas voltadas à promoção da saúde, do bem-estar e da expressão corporal (Zaim-de-Melo; Godoy; Bracialli, 2020).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a introdução das práticas circenses configura-se como uma inovação pedagógica, uma vez que suas contribuições para a Educação Física escolar transcendem a ampliação do repertório cultural e de técnicas corporais. A pedagogia circense inserida na Educação Física motiva uma abordagem criativa para a exploração do corpo e movimento, integrando a expressão artística à descoberta de capacidades e habilidades físicas.

Em outras palavras, a atuação circense propicia a investigação de formas espetaculares de movimentação e expressão corporal, colocando as potencialidades físicas e habilidades motoras como elementos centrais de uma poética cênica. Assim, essa perspectiva ressignifica o papel do corpo, transformando-o em protagonista de narrativas artística e pedagógica singulares (Tucunduva; Bortoleto, 2019).

Apesar do cenário promissor das atividades circenses inseridas no cenário da Educação Física escolar, é importante pontuar que a legitimação dessas práticas no ambiente escolar avança de forma lenta e fragmentada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997) incluem as atividades circenses em um dos blocos de conteúdos, especificamente no eixo denominado "atividades rítmicas e expressivas". Essa categorização situa as práticas circenses no contexto de manifestações corporais que privilegiam a expressividade, criatividade e dimensão artística do movimento, embora sem uma abordagem mais detalhada ou específica sobre sua aplicação pedagógica na Educação Física escolar. Já a BNCC (Brasil, 2018) não menciona de forma explícita os termos "circo" ou "atividades circenses" (como já apontado), tampouco confere a essas práticas o *status* de unidade temática. Esse fato reflete desafios na consolidação das atividades circenses como componente curricular estruturado e valorizado no âmbito escolar.

Dessa forma, a inserção das atividades circenses nas aulas de Educação Física escolar tem ocorrido de maneira gradual, dependendo do comprometimento e da compreensão, por parte de professores, gestores e formuladores de currículos, acerca da riqueza e das potencialidades pedagógicas inerentes a essa temática (Cardani, 2018).

Contudo, as atividades circenses consolidam-se como realidade no cenário educacional brasileiro e sua inserção está em múltiplos contextos: constam em currículos oficiais de redes estaduais de ensino, como nos Estados do Paraná, do Rio Grande do Sul e de São Paulo (Tucunduva; Bortoleto, 2019); integram programas sociais federais voltados à expansão da jornada escolar (González; Darido; Oliveira, 2017); compõem disciplinas de cursos superiores em Educação Física; e constam em projetos de extensão universitária (Zaim-de-Melo, 2020).

Outra problemática relevante a ser destacada é a carência de recursos materiais, como tecido acrobático e trapézio, especialmente em escolas públicas, o que limita a prática de modalidades aéreas, além de acrobacias de maior complexidade, restringindo as atividades circenses a exercícios de solo e malabares com materiais adaptados (Duprat, 2007; Takamori *et al.*, 2010).

Paralelamente, evidencia-se um desafio relacionado à formação docente, já que muitos professores demonstram lacunas no conhecimento técnico-prático sobre as atividades circenses e insuficiente embasamento teórico-metodológico para sistematizar esse conteúdo de maneira pedagógica. Além disso, observa-se persistente resistência em superar modelos tradicionais centrados no esporte, o que exige uma revisão crítica dos objetivos e das abordagens da Educação Física, visando à incorporação de práticas mais diversificadas e inclusivas (Miranda; Bortoleto, 2018).

Tratando dos aspectos pedagógicos que fornecem subsídios e solidificam o ensino das atividades circenses na Educação Física escolar, as diferentes modalidades circenses organizam-se segundo critérios distintos: características materiais ou funcionais, ou, ainda, pela predominância de habilidades específicas (acrobáticas, de equilíbrio, dentre outras). Uma classificação amplamente adotada categoriza essas práticas em cinco grupos: equilíbrios, aéreos, acrobacias, manipulação de objetos e arte clownesca (palhaçaria).

No contexto escolar, é fundamental que o projeto pedagógico das atividades circenses contemple quatro eixos estruturantes: (1) adequação da infraestrutura; (2) avaliação do nível de preparo prévio dos discentes; (3) capacitação docente específica; e (4) protocolos de segurança, mitigando fatores de risco e outros entraves à prática pedagógica (Duprat; Barragán; Bortoleto, 2017).

No que diz respeito à Educação Física escolar, ela apresenta-se como disciplina de caráter generalista, cuja essência pedagógica fundamenta-se na vivência motora, demandando a articulação coerente de elementos estruturais, pedagógicos e técnicos para sua consolidação. A prática educativa, nesse âmbito, requer infraestrutura adequada; avaliação das condições prévias dos discentes; capacitação especializada do docente; e implementação de protocolos de

segurança, com o objetivo de mitigar riscos e aprimorar a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Tais pressupostos delineiam as bases para a elaboração de uma pedagogia voltada às atividades circenses, ajustada às potencialidades e limitações do contexto escolar (Bortoleto; Machado, 2003).

Duprat e Pérez Gallardo (2010) desenvolveram uma estruturação pedagógica das modalidades circenses, sintetizando categorizações preexistentes e organizando-as com base nos padrões motores gerais envolvidos. Tal estruturação fundamentou a sistematização pedagógica apresentada no quadro 1, a qual exige a relevância de alinhar as práticas circenses às particularidades das instituições de ensino, conciliando seus benefícios educativos, que incluem o aperfeiçoamento das habilidades motoras, o fomento à criatividade e o incentivo à inclusão, com as demandas técnicas e pedagógicas. Desse modo, estabelece-se uma metodologia que prioriza a pluralidade corporal, a multidimensionalidade educativa e a segurança operacional, sem relegar o rigor metodológico e as condições infraestruturais imprescindíveis para uma aplicação eficiente e sustentável.

Quadro 1 – Estruturação pedagógica das modalidades circenses

Unidades Didáticas	Blocos Temáticos	Modalidades Circenses
Acrobacias	Aéreas	Trapézio, tecido, lira e faixa
	Individuais e coletivas	De chão (solo); paradismo (chão e mão-jotas); acrobacias dinâmicas e estáticas em duplas; trios; e grupos
	Trampolismismo	Trampolim, minitrampolim
Manipulações	De objetos	Malabarismo
		Prestidigitação (mágicas que exigem movimentos rápidos com as mãos) e pequenas mágicas
Equilíbrios sobre objetos	Equilíbrio do corpo em movimento	Perna-de-pau; monociclo
	Equilíbrio do corpo em superfícies instáveis	Arame; rola-rola, corda bamba
Encenação	Expressão corporal	Elementos das artes cênicas, dança, mímica e música
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos

Fonte: Duprat; Pérez Gallardo (2010).

Alinhados a esse ideal, Duprat; Barragán e Bortoleto (2017, p.172) propuseram alguns princípios pedagógicos que devem orientar o ensino das atividades circenses na escola:

[...] a) Contextualização histórico-cultural dos seculares saberes circenses: os professores interessados nas atividades circenses devem entender e identificar a complexidade de códigos que envolvem o circo, visando à proposição das atividades circenses de modo contextualizado, condizente com o âmbito das artes e das atividades expressivas. Diante de cada novo desafio ou conteúdo, é importante buscar informações e dedicar tempo para aprender esse novo conteúdo com a seriedade que ele merece; b) Formação específica de professores, garantindo a segurança na realização das atividades: sem o devido cuidado, estas atividades podem resultar perigosas ou arriscadas, para que isso não aconteça, faz-se necessário pensar e planejar a proposta previamente, para

evitar o improviso e os acidentes; c) A busca por uma pedagogia das atividades circenses: uma pedagogia que trata de debater a adequação das diferentes modalidades circenses no espaço escolar, utilizando as que melhor se ajustem a este entorno, assim como pensado no processo de ensino-aprendizagem, tratando de evitar uma abordagem superficial e com ênfase nas informações técnicas e procedimentais; d) O uso dos jogos: criar situações lúdicas como meio introdutório das práticas circenses, criando propostas que cativem todos os alunos; e) Diversificação das modalidades circenses: devemos mostrar, na medida do possível, o amplo e diverso universo das artes do circo, por meio de um variado leque de atividades circenses.

Evidenciando os objetivos de ensino e aprendizagem priorizados nas unidades temáticas (acrobacia, manipulações, equilíbrios sobre objetos e encenação), Duprat e Pérez Gallardo (2010) definem as acrobacias como ações motoras não naturais, geralmente complexas, que desafiam as leis da Física que regem o movimento dos corpos. Tais ações são predominantemente aprendidas pelo ser humano com um propósito específico, distinguindo-se das ações motoras naturais, como caminhar, sentar-se ou correr.

No que diz respeito às manipulações de objetos, os malabares, por exemplo, consistem no controle das ações motrizes envolvidas principalmente nas habilidades de lançar, receber e equilibrar objetos. Essa prática é frequentemente considerada, pelos educadores, como a mais viável para o ambiente escolar, uma vez que demanda poucos recursos materiais; apresenta custo reduzido; e pode ser realizada em espaços limitados. Além disso, pode ser integrada a espetáculos teatrais e de dança. A utilização de materiais, como lenços, bolas, aros e claves, bem como de outros recursos alternativos, pode facilitar o desenvolvimento dessa prática com as crianças (Duprat; Pérez Gallardo, 2010)

Duprat e Pérez Gallardo (2010) associam os equilíbrios corporais às leis físicas que influenciam a execução de determinada tarefa motora e estão diretamente ligados às superfícies de apoio, à localização do centro de gravidade do corpo e à distribuição do peso corporal sobre a superfície de apoio. É importante destacar que essa prática transcende o mero ato motor, envolvendo aspectos como a autossuperação e autoconfiança, tanto em si mesmo quanto em relação aos aspectos relacionados à coletividade.

A encenação - bloco temático derradeiro na abordagem de Duprat e Pérez Gallardo (2010) - configura-se como possibilidade expressiva e comunicativa, na qual o tempo e espaço podem ser vivenciados de maneira subjetiva, criando situações em que a imaginação e a interpretação desempenham papéis fundamentais. As atividades propostas nesse bloco temático devem ter vislumbre na interação entre os estudantes, uma vez que o objetivo é a comunicação e o exercício da expressividade de forma lúdica.

Essa retórica experiencial revela um potencial pedagógico para promover transformações multidimensionais. A inevitável diversificação metodológica na ação educativa circense tem permitido desenvolver habilidades como resiliência, criatividade e colaboração (Barragán; Fernandes; Gomes, 2024). Isso sugere que essa inovação educacional transcende a execução técnica, incentivando o protagonismo do aluno e a autogestão da aprendizagem, desenvolvendo valores educativos interpessoais, como a cooperação, o respeito e a solidariedade, e intrapessoais, como autoestima, disciplina e superação de desafios (Lence; Selau, 2023).

Portanto, evidencia-se, neste ensaio teórico, o potencial pedagógico multidimensional das atividades circenses, nas aulas de Educação Física, capazes de “romper a lona e beijar as nuvens”, ao permitir que a prática corporal esteja interseccionada com valores políticos, filosóficos, socioemocionais, éticos e estéticos, necessários a uma educação humanizadora.

Entendemos as atividades circenses como uma possibilidade de trazer à escola novos horizontes, cabendo aos professores a responsabilidade de trabalhar com essa temática nas aulas. Dessa forma, uma proposta educativa de qualidade não depende só das práticas planejadas, depende também do engajamento de quem seja o responsável pelo processo (Duprat; Barragan; Bortoleto, 2017, p. 171).

Ressalta-se que essas relações multidimensionais, cultivadas no contexto das aulas de Educação Física, são congruentes com os princípios da Educação Física emancipatória. Nesse paradigma, o aluno é considerado o agente principal de sua própria aprendizagem, pois está dotado de autonomia para construir, modificar e apropriar-se do conhecimento. Essa abordagem ressalta a importância de um ambiente que promova a expressão desinibida, reforçando, assim, o papel da Educação Física como meio para o desenvolvimento crítico e autônomo (Silva; Bracht, 2012).

5 Considerações finais

Neste ensaio teórico, pretendeu-se contribuir para o debate sobre o ensino das atividades circenses e seu potencial educativo nas aulas de Educação Física escolar, seguindo uma trilha histórico-crítica, interseccionada por valores educativos a partir da sua inserção na escola e que, quando abraçam as aulas de Educação Física, compõem um acervo multidimensional interdependente.

A integração de atividades circenses ao contexto escolar é um fenômeno contemporâneo. Embora seu potencial educativo seja reconhecido, ainda carece de consolidação teórico-científica, formação profissional qualificada e, sobretudo, de avanços nas políticas educacionais de valorização curricular.

Entre polipiruetas e maxpiruetas, sugere-se que as propostas pedagógicas sejam adequadas às realidades escolares, especialmente diante de fatores como infraestrutura inadequada, baixa aptidão física e incipiente formação técnica. A confecção de materiais alternativos e/ou adaptação dos materiais disponíveis na escola, além de auxiliar na superação da limitação estrutural, constitui-se importante ação pedagógica de trabalho multidimensional. Portanto, os jogos circenses (Bortoleto, 2006) podem compor interessante alternativa pedagógica para o desenvolvimento das aptidões física e técnica das modalidades circenses na escola.

Nesse contexto, destaca-se que o trabalho multidimensional proveniente das atividades circenses é independe do uso de materiais. Na verdade, a expressão corporal é a base fundamental de sua prática pedagógica e deve relacionar-se com as explorações lúdico-estética, criativa e artística que possam contribuir para as transformações das relações interpessoais na escola.

Dessa forma, considera-se que a prática pedagógica, nas aulas de Educação Física escolar, desenvolvida por meio da exploração multidimensional das atividades circenses, revelou-se como uma trilha de transformação social, em que as relações interpessoais são fortalecidas pelo corpo singular - e plural - que vivencia o artístico, ético, estético e afetivo em efervescência. Espera-se que esses olhares possam suscitar outras reflexões pedagógicas, que rompam com a imutabilidade didática, ao possibilitarem novos acervos no processo de formação humana na escola.

Maxpirulito... Ultravioleta... Bravo, bravo!

Referências

BARRAGÁN, T. O.; FERNANDES, R. de C.; GOMES, L. P. Circo na escola: (re)pensando possibilidades a partir da formação continuada de professores/as. **Retratos da Escola**, v. 18, n. 41, p. 723-74, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v18i41.2048>.

BOLOGNESI, M. F. O circo na história: a pluralidade circense e as revoluções francesa e soviética. **Repertório: Teatro & Dança**, v. 13, n. 15, p. 11-16, 2010.

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Unesp, 2003. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788539303342>

BORTOLETO, M. A. C. Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico. **Revista Stadium**, n. 195, 2006.

BORTOLETO, M. A. C. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M. A. C.; BARRAGÁN, T. O.; SILVA, E. (orgs.). **Circo: horizontes educativos**. Campinas: Autores Associados, 2016.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o circo e a educação física. **Revista Corpoconsciência**, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

BORTOLETO, M. A. C.; SILVA, E. Circo: educando entre as gretas. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, v. 4, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v4n2a2017-07>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

CARDANI, L. T. **Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1080414> Acesso em: 14 abr. 2025.

DAL GALLO, F. A renovação do circo e o circo social. **Repertório: Teatro & Dança**, Ano 13, n. 15, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123456>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DIANIN, M. H. **O circo como tema de investigação nos programas de pós-graduação brasileiros (2012 a 2022)**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/39844>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DUPRAT, R. M. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/394904>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DUPRAT, R. M.; BARRAGÁN, T. O.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (orgs.). **Ginástica, dança e atividades circenses**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017, p. 167-232. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170987>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338529012.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

DUPRAT, R. M.; PÉREZ GALLARDO, J. S. **Artes circenses: no âmbito escolar**. São Paulo: Unijuí, 2010.

GADOTTI, M. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de (orgs.). **Ginástica, dança e atividades circenses**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017.

LEMKE, C. E. *et al.* Circo na escola: do ensino superior à educação básica. **Revista Práxis**, v. 14, n. 28, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47385/praxis.v14.n28.3989>.

LENCE, L. F. L.; SELAU, B. Atividades circenses como objeto de ensino da educação física escolar. **Movimento**, v. 29, p. e29019, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.123072>.

MIRANDA, R. de C.F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 39-45, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.004>.

PIRUETAS. Intérprete: Chico Buarque e os Trapalhões. Compositor: Chico Buarque; Luis Enriquez Bacalov; Sergio Bardotti. *In: Os saltimbancos trapalhões*. São Paulo: Ariola, 1981. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (03:06min).

SANTOS-RODRIGUES, G. S. *et al.* Atividades circenses na educação física escolar: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020). **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 3, p. 167-173, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n3.27491>.

SANTOS-RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LOPES, D. de C. Circo na escola: educação e arte na educação básica. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 46, p. 1-27, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573101462023e0110>.

SILVA, E.; ABREU, L.A. de. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, v. 30, n. 1, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/010283085718>.

TAKAMORI, F. S. *et al.* Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v13i1.6729>

TUCUNDUVA, B. B. P.; BORTOLETO, M. A. C. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. **Movimento**, v. 25, p. e25055, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.88131>.

ZAIM-DE-MELO, R. Circo e educação física: uma parceria frutuosa. **Revista GeoPantanal**, v. 18, n. 34, p. 209-221, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55028/geop.v18i34.18703>.

ZAIM-DE-MELO, R.; GODOY, L. B. de; BRACCIALLI, F. Quando o nariz vermelho se encontra com a educação física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76909>.